



5527 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT14 - Sociologia da Educação

PERCURSOS EPISTEMOLÓGICOS NA SOCIOLOGIA DE BOURDIEU E CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO
Aline Fagner de Carvalho E Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PERCURSOS EPISTEMOLÓGICOS NA SOCIOLOGIA DE BOURDIEU E CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Resumo: Esboçam-se, neste ensaio, percursos epistemológicos de onde é possível acompanhar pistas sobre a construção da sociologia de Pierre Bourdieu e apontar possíveis contribuições para a compreensão da educação como objeto de estudo e como importante campo social em construção (estrutura estruturante). Como primeiro objetivo, indicam-se os proveitos que esse autor tira do pensamento clássico das ciências sociais de Durkheim, Weber e Marx no seu ferramental sociológico ao conciliar elementos epistemológicos muitas vezes controversos. Em seguida, retomam-se na produção de Bourdieu, princípios fundantes da sua sociologia e, inexoravelmente, de seu método praxiológico. Inserem-se, ao longo do texto, referências de sua produção em pleno *modus operandi* e da produção de importantes estudiosos de sua obra: brasileiros (CATANI, 2002; MICELI, 2015; SILVA, 1996; PESSOA e OLIVEIRA, 2013) e estrangeiros (CHARTIER, 2005; BONNAWITZ, 2003; BURAWOY, 2010). Por fim, o exercício de reflexão empreendido retoma a sociologia deste autor e aponta algumas de suas contribuições para a *sociologia da educação*.

Palavras-chaves: Pierre Bourdieu. Ciências Sociais. Sociologia. Sociologia da Educação.

INTRODUÇÃO

Não raro, vemos Pierre Bourdieu (1930 - 2002) gozar de prestígio intelectual que o coloca como um clássico das ciências sociais. Talvez para isso fosse necessário mais tempo para sua obra se consagrar, ao ponto de se chegar a tal distinção e dominação simbólica no campo científico. No percurso epistemológico da sociologia de Bourdieu são incontáveis os nomes que ele mesmo atribui ao método e à ciência que produziu ao longo de sua vasta obra. Praxiologia, sociologia da prática, teoria do espaço social, teoria da prática, teoria da ação, estruturalismo genético, estruturalismo construtivista, sociologia reflexiva são algumas das muitas expressões que o autor lança mão para nominar seu exercício epistemológico.

Estudioso de diversos temas sociais, Bourdieu observa as relações homólogas entre estrutura da obra ou do sistema (estrutura estruturada) e a estrutura do campo de força (estrutura estruturante). Em sua produção científica encontra-se uma infinidade de temas que problematizou no exercício de sua sociologia: os argelinos Kabila, o sistema de ensino francês, o funcionalismo público, a moda, a televisão, o esporte, o mercado imobiliário, as regras da arte, a gênese e estrutura da religião e do Estado, além de falar sobre dominação masculina e invasão neoliberal.

O fato é que este contemporâneo e importante autor francês, apresenta de peculiar e até inspirador para jovens aspirantes do campo científico, o fato de mover-se criticamente entre os consagrados clássicos das ciências sociais e tirar deles modos de pensamentos e princípios explicativos que o ajudam a construir uma sociologia particular.

O que chamo aqui de sociologia de Bourdieu há muito influencia o campo científico na França e no mundo. O Brasil também já conta com uma história de aproximação com o pensamento de Bourdieu desde a década de 1970. É possível encontrar, como é de se esperar do desenvolvimento científico contemporâneo, leituras e apropriações mais e menos zelosas na apreensão e aplicação dos conceitos de Bourdieu, especialmente, os que constituem o tripé de sua sociologia: campo, *habitus* e capital.

Bourdieu sugere que a cultura e, por sua vez, a educação, podem ser vistas como estruturas estruturantes instituídas no campo de produção e reprodução do sistema de disposições duráveis (*habitus*). E neste enfoque, a dominação simbólica aparece como questão central de sua sociologia. Interessa, portanto e sobretudo, ao nosso autor a gênese e estrutura do sistema de disposições simbólicas e as estratégias de distinção a partir da distribuição desigual do capital simbólico ou cultural correspondente. Assim, este ensaio, atenta-se para as dinâmicas possíveis frente às estratégias e a reprodução da dominação simbólica.

No Brasil, nesta quadra da história, o combate que se dá no esporte da dominação simbólica se vê carregado de *disposições dinâmicas*, ameaçando conquistas disputadas em jogos passados. A dinâmica das disposições estruturantes, no campo científico resulta também da (re)produção de conhecimento sociológico. Portanto, esse ensaio apresentado ao (sub)campo da sociologia da educação, ocupado pelo Grupo de Trabalho 14 (GT-14), da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd), joga na defesa da educação e da pesquisa públicas, como ações de resistência que irão nortear os próximos combates. Assim, aos debates da 39ª Reunião Nacional da ANPED, em outubro de 2019, na cidade de Niterói (RJ), soma-se esta reflexão.

Das tantas prescrições que acompanham o ferramental metodológico da sociologia de Bourdieu destacam-se nesta exposição duas em especial: busca pela gênese e estrutura do objeto social e o modo relacional de análise. Para tanto, desenvolve-se na primeira parte do artigo um percurso na vida e na obra de Bourdieu para apresentar possíveis aproximações e relações que ele estabeleceu com os clássicos das ciências sociais, Durkheim, Weber e Marx, e com as correntes teóricas que se desdobram destas referências.

Na segunda parte do texto apresento um segundo percurso epistemológico, que traz pistas dos fundamentos da sociologia de Bourdieu e de seu método, enfatizando a dominação simbólica por meio de estruturas estruturantes, das quais a própria ciência e as instituições dos sistemas educacionais são exemplos. Por fim, na última parte do artigo, apontam-se aproximações da sociologia de Bourdieu com a área do conhecimento sociológico que toma a educação como objeto de estudo, a partir de suas produções sobre o sistema de ensino francês.

O presente ensaio indica que o campo científico, onde se joga a sociologia e a sociologia da educação como esporte de combate^[1], guardam relações homólogas, próximas e íntimas, com o campo da educação (mas não só), que de forma comprometedor produz e reproduz mundo social.

1. Gênese e estrutura da sociologia de Bourdieu

“Citar, dizem os Kabilas, é ressuscitar” (BOURDIEU, 1994, p. 62). Assim, ressuscito Bourdieu, depois de sua morte relativamente recente, em 2002, para pensarmos a sociologia da educação. Assim também, a sociologia de Bourdieu deu vida a autores clássicos e muitas vezes considerados inconciliáveis para ocuparem um mesmo método particular. Pierre Bourdieu tratou de aproximar-se criticamente da filosofia e das correntes metodológicas da ciência moderna e como estudioso comprometido tirou proveito do que sua lógica científica julgou oportuno para seu tempo em cada uma delas. Segundo ele mesmo explica,

desde o começo de meu trabalho, pareceu-me que seria possível fazer que a sociologia progredisse decisivamente se conseguisse reunir os conhecimentos, aparentemente antagônicos, ou em todo caso dispersos, desta disciplina. Se conseguisse integrar sem recorrer a conciliações retóricas ou a compromissos ecléticos, as tradições simbolizadas nos nomes dos ‘pais fundadores’ – Marx, Durkheim, Weber – e superar as oposições epistemológicas fictícias mas socialmente reais, entre os “teóricos” e os “empiristas” ou, ainda dentre esses últimos, entre os partidários da indagação estatística e os defensores da observação etnográfica. Para tanto, era preciso criar as condições sociais para uma prática científica realmente coletiva e unificada, como foi, contra todas as tendências do mundo intelectual, a prática dos durkheimianos (BOURDIEU, 2013a, p. 32).

Pessoa e Oliveira (2013), também propondo percurso para se entender a vida e a obra de Bourdieu, sinalizaram para três trajetos temporais, ou ‘três Bourdieus’, que de certa forma dão conta da construção de sua sociologia, já que para esses autores “o conhecimento de um autor deve chegar sempre ao conhecimento de seu método” (2013, p. 15). O primeiro Bourdieu, a quem os autores o definem como *Bourdieu Antropólogo* contempla um período que vai da sua formação em filosofia pela Escola Normal Superior (ENS), que goza de grande prestígio no campo acadêmico, até sua completa migração para o campo das ciências sociais, motivado de forma decisiva principalmente por estudos que realizou com pesquisadores argelinos na Universidade de Argel, sobre a questão Kabila (PESSOA; OLIVEIRA, 2013, p. 15). Neste momento a abordagem etnográfica e outras contribuições da antropologia foram fundamentais para a construção da sociologia de Bourdieu. Deste percurso resta um possível caráter desertor de Bourdieu quando há na sua produção a definição do campo social como objeto de estudo definitivo, o que fez das ciências sociais o campo em que Bourdieu escolheu ‘aos poucos’ jogar este ‘esporte de combate’, como ele mesmo definiu.

No segundo trajeto do percurso, Pessoa e Oliveira (2013) se referem ao *Bourdieu Sociólogo*, ao momento marcado por sua instalação na *École de Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS) e na criação e condução a revista *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. Entre as décadas de 1960 a 1980 o autor construiu o conceito de campo presente em suas principais obras deste período: *Les hétériers*, *La distinction*, *La reproduction*.

Por fim, Pessoa e Oliveira encontram uma rota alternativa que não chega a ser um desvio no percurso de Bourdieu, mas que se destaca por sua militância sobressaltada em relação ao objetivismo crítico de sua sociologia, quase positivista. Este momento compreende o período dos anos 1990 até sua morte em 2002, que é um período de engajamento político, mais descontraído do rigor metodológico durante o qual o autor “passa a analisar mais as situações político-sociais enquanto tal” (PESSOA; OLIVEIRA, 2013, p. 18), propondo táticas de contrafogos para enfrentar a invasão neoliberal, por exemplo.

A sociologia da prática proposta por Bourdieu se constrói a partir de uma multiplicidade de influências, insatisfações e indagações e ainda de releituras críticas das teorias e questionamentos filosóficos, antropológicos e sociológicos. “Esta vontade de ruptura e de superação deu origem, assim, ao estruturalismo genético. Esta corrente se revela não somente inovadora, mas também, em certos aspectos, provocadora. É neste sentido que esta sociologia incomoda” (BONNEWITZ, 2003, p. 26).

No *Esboço de uma teoria da prática* (2013), Bourdieu classifica três modos de conhecimentos teóricos sobre o mundo social, que em comum possuem a oposição ao modo de conhecimento prático. 1. O modo “fenomenológico” ou “interacionista” ou “etnometodológico” explicita que a verdade da experiência primeira do mundo social, isto é, a relação de familiaridade com o meio familiar está na apreensão do mundo social como mundo natural e evidente sobre o qual, por definição, não se pensa e que exclui a questão de suas condições de possibilidade. 2. O conhecimento “objetivista” constrói relações objetivas que estruturam as práticas e suas representações, ao preço de uma ruptura com esse conhecimento primeiro e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem ao mundo social o caráter de evidência e de naturalidade. 3. O conhecimento praxiológico tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade (BOURDIEU, 2013a, p. 39).

A praxiologia “não anula as aquisições objetivistas mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve de excluir para obtê-las” (BOURDIEU, 2013b, p. 40). A praxiologia opera uma nova inversão da problemática para ciência objetiva do mundo social, ao questioná-la como sendo sistema de relações objetivas e independente das consciências e das vontades individuais. Assim, as condições (teóricas e sociais) de possibilidade dessa questão mostram que o conhecimento objetivista se define fundamentalmente pela não-colocação de tal questão (BOURDIEU, 2013, p. 40). A fim de se evitar criar um monstro epistemológico, os conceitos da sociologia de Bourdieu devem acompanhar o *modus operandi* da pesquisa além do “seu *opus operatum*, seus conceitos e teorias, seus resultados, transpostos para um outro contexto, destituídos das mesmas disposições científicas que o produziram, não fazem o menor sentido” (SILVA, 1996, p. 231).

O fato de Bourdieu propor seguir um percurso que passa pela cultura como estrutura estruturante e o suposto determinismo econômico de Marx apontar a cultura ou à superestrutura como resultado das relações sociais de produção da vida material e, portanto, estrutura estruturada, não eliminou as influências marxistas na sociologia bourdieusiana.

Burawoy, marxista americano, vendo a presença cada vez mais expressiva de Bourdieu no campo das ciências sociais não só europeia, mas também americana e no hemisfério sul viu-se provocado a promover diálogos imaginários entre este autor com o próprio Marx e outras importantes referências do pensamento marxista. Ele afirma sobre *A reprodução* que “aquele tratado sobre as funções sociais da educação foi diminuído pelo marxismo estruturalista predominante na época, o qual emanava de Paris pelos trabalhos de Althusser, Balibar, Godelier e Poulantzas (BURAWOY, 2010, p. 13).

As relações entre Bourdieu e o marxismo não são simples de descrever. Sua obra edificou-se fora dos caminhos balizados pela reflexão marxista, tomando como objeto de estudo áreas consideradas menores pelo marxismo ortodoxo, como os estudos sobre a cultura. Enfim, sua teoria da dominação simbólica, sobrevivendo à degradação do profetismo revolucionário, pode ser interpretada como um sinal que mostra que a sociologia de Bourdieu prospera numa terra estranha ao solo marxista ortodoxo. Entretanto, existe uma familiaridade forte entre a sociologia de Bourdieu e o marxismo. Por um lado, ambos pensam a ordem social através do paradigma da dominação. Não é possível ter acesso a uma compreensão clara do espaço social sem evidenciar os antagonismos de classe: a realidade social é um conjunto e relações e forças entre classes historicamente em luta umas com as outras. Por outro lado, [...] a sociologia de Bourdieu tem uma vocação crítica e, conseqüentemente, um uso político: crítica da cultura, da escola e, de maneira geral, da democracia liberal e de seus mitos. (BONNEWITZ, 2003, p. 21).

Apesar destas aproximações Bourdieu se recusou a proclamar sua adesão direta ao pensamento de Marx, ao passo que se inscreve claramente no âmbito do objetivismo durkheimiano. O procedimento científico “*objetivista*, visa procurar as “leis objetivas” que governam a realidade social, isto é que revelam uma ordem subjacente à desordem aparente da vida ou da sociedade. Esta vontade de detectar regularidades, mais do que leis, é também uma ambição compartilhada por Pierre Bourdieu” (BONNEWITZ, 2003, p. 24). Assim Bourdieu “recupera a ambição durkheimiana de constituir a sociologia como ciência que supõe um método e um procedimento específico.” (BONNEWITZ, 2003, p. 25). Contudo é o próprio Bourdieu que faz um alerta aos pretendentes deste campo:

Para romper com a ambição, que é própria das mitologias, de fundar na razão as divisões arbitrárias da ordem social, em primeiro lugar a divisão do trabalho, dando assim uma solução lógica ou cosmológica para o problema da classificação dos homens, a sociologia deve tomar como objeto, ao invés de deixar-se tomar por ela, a luta pelo monopólio da representação legítima do mundo social, essa luta pelas classificações que é uma dimensão de qualquer tipo de luta de classes: classes etárias, classes sexuais ou classes sociais (BOURDIEU, 1994, p. 11).

E prossegue afirmando que “fazer da *regularidade* (...), o produto do regulamento conscientemente editado e conscientemente respeitado (...), ou da *regulação* inconsciente de uma misteriosa mecânica cerebral e/ou social, é escorregar do modelo da realidade para a realidade do modelo” (BOURDIEU, 2013, p. 51).

Além das representações, como sentido das relações que se deve compreender pela sociologia, Weber aparece no ferramental teórico de Bourdieu também no conceito de legitimidade, principalmente do Estado no uso da violência física, que ele estendeu à legitimidade também da violência simbólica. Interessa a Bourdieu a problemática weberiana que busca compreender como a autoridade política se perpetua sem recorrer, necessariamente, à coação (BONNEWITZ, 2003). “A resposta está na legitimidade, que se define, em sentido geral, como a qualidade daquilo que é aceito e reconhecido pelos membros de uma sociedade” (BONNEWITZ, 2003, p. 24).

Tanto a tradição marxista, quanto a contribuição de Max Weber, a despeito desta aproximação, acham-se separados por outros tantos motivos. Para Bonnewitz a dificuldade de se estabelecer determinada tipologia das correntes sociológicas é a tendência de se congelar uma situação, a afastar tipos que não se integram nas categorias escolhidas, assumindo assim um certo caráter arbitrário (2003, p. 15). Micelli aponta que para Bourdieu a limitação mais grave da tradição marxista reside no fato de privilegiar a cultura como estrutura estruturada em lugar de enxergá-la enquanto estrutura estruturante, relegando às funções econômicas e políticas dos sistemas simbólicos e enfatizando a análise interna dos bens e mensagens de natureza simbólica. “Por esse motivo, não consegue deixar de ser uma teoria da integração lógica e social de “representações coletivas” cujo paradigma é a obra de Durkheim” (MICELLI, 2015, p. VIII).

2. A sociologia de Bourdieu e a questão da dominação simbólica

Bourdieu introduz um dos seminários da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* aconselhando a atitude de “ser capaz de apreender a pesquisa como uma actividade racional” e além disso, sugere que a exposição de uma pesquisa não é um show (BOURDIEU, 1989). “Gostaria de dizer, de passagem, que, entre as várias atitudes que eu desejaria poder inculcar, se acha a de se ser capaz de apreender a pesquisa como uma atividade racional – e não como uma espécie de busca mística, de que se fala com ênfase para se sentir confiante [...] realista e não cínica” (BOURDIEU, 1989). E vai adiante revelando aos pretendentes do campo científico que

gostaria de apanhar-vos de surpresa, dando-vos a palavra sem que vocês estejam prevenidos nem preparados – mas, não tenham receio, eu saberei respeitar as vossas hesitações). Quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existem de tirar proveito da discussão e, estou certo, mais benevolentes serão as críticas ou os conselhos (a melhor maneira de “liquidar” os erros, – e os receios que muitas vezes os ocasionam – seria podermos rir-nos deles, todos ao mesmo tempo) (BOURDIEU, 1989, p. 19).

A julgar pela vasta obra de Bourdieu, em cerca de 40 anos de atuação no campo científico, Bourdieu se expõe bastante. E por isso foi alvo de críticas profundas e superficiais, de debatedores sérios e outras mais ligeiros.

Apresenta-se mais um alerta do próprio Bourdieu: o paradoxal movimento de se problematizar sobre a autoridade de qualquer ciência e ao mesmo tempo reconhecer uma autoridade que se sustenta na produção da crença nesta autoridade. “Para dar uma aula, mas uma aula de liberdade a respeito de todas as aulas, seria simplesmente inconsequente, ou mesmo autodestrutivo, se a própria ambição de fazer uma ciência da crença não supusesse a crença na ciência” (BOURDIEU, 1994, p. 62). Para ele o empreendimento é paradoxal quando consiste em “usar uma posição de

autoridade para dizer com autoridade o que é dizer com autoridade” (1994, p. 62). Assim o campo do conhecimento científico que se constrói em torno do objeto social fica marcado, e portanto, estruturado, por um esporte de combates teóricos e epistemológicos que se dão neste espaço social. Para Bourdieu “a crítica epistemológica não se dá sem uma crítica social” (1994, p. 07) e é por isso que em seu esboço para uma sociologia reflexiva afirma que

[...]de facto, a cena que se representa no palco, as estratégias que os agentes empregam para levarem a melhor na luta simbólica pelo monopólio da imposição do veredito, pela capacidade reconhecida de dizer a verdade a respeito do que está em jogo no debate, são a expressão das relações de força objectivas entre os agentes envolvidos, e mais precisamente, entre os campos diferentes em que eles estão implicados - e em que ocupam posições mais ou menos elevadas. Dito por outras palavras, a interação é a resultante visível e puramente fenomênica, da intersecção dos campos hierarquizados. (BOURDIEU, 1989, p. 55).

O objetivo de seu método era estabelecer um quadro mental sociológico que se opusesse radicalmente às rotinas cognitivas e afetivas características do senso prático e de certas orientações ocupacionais e profissionais, e que rompesse com essas rotinas, mesmo ciente de que a tarefa é bem mais complexa e difícil do que a mera transposição de conceitos sociológicos (SILVA, 1996, p. 234).

Bourdieu afirmava: “todo o meu esforço consiste em destruir automatismos verbais e mentais” e que a linguagem que empregamos como dominante é uma linguagem “desconhecida como tal, isto é, tacitamente reconhecida como legítima” (BOURDIEU, 1983, p. 87). Encontra-se neste ponto o *arbitrário* como um conceito de Bourdieu. À ideia de *arbitrário* soma-se o *poder simbólico* exercido na dominação simbólica que permite obter o equivalente o que a força física e econômica pode obter e constituem-se como elementos centrais das problemáticas de Bourdieu.

Para ele, interessam as relações entre estruturas estruturantes ou *modus operandi* (arte, religião, língua) e estruturas estruturadas (sistemas simbólicos ou *opus operatum*), além de instrumentos dos sistemas ideológicos legítimos, que prestam à dominação simbólica. “O campo da produção simbólica é o microcosmo da luta simbólica entre as classes. Os sistemas simbólicos constituídos por um corpo de especialistas, são reintroduzidos ao objetivismo o agente, a ação e a prática. Estratégia como um produto do senso prático. O *habitus* é a orquestração da prática e ao mesmo tempo a prática da orquestração” (BOURDIEU, 1989, p.93).

Chartier, ao sintetizar os princípios da economia dos bens simbólicos, destaca uma tripla ruptura de Bourdieu: com a mitologia idealista do “criador inciado”; com a abordagem estruturalista que postula autonomias completas das produções discursivas ou artísticas; e com o reductionismo sociológica, afeto a correspondências diretas às posições sociais (CHARTIER, 2005)

Tais recusas implicam, ao mesmo tempo, que se pensem os campos culturais como um mundo econômico invertido, que se considere a produção da crença no valor das obras como uma condição e um efeito de sua consagração, que se identifiquem as condições econômicas que autorizam a negação da economia e que se mantenha a relação entre as estruturas das produções intelectuais e estéticas e a identidade social de seus produtores como se fosse sempre mediada pelas leis específicas que governam as hierarquias e polarizações do seu campo (CHARTIER, 2005, p. 258).

“Os adversários da sociologia têm o direito de perguntar-se se uma atividade que supõe e produz a negação de uma denegação coletiva deve existir; mas nada os autoriza a contestar-lhe o caráter científico” (BOURDIEU, 1994, p. 33). Bourdieu afirma que de fato não existe, propriamente falando, demanda social por um saber total sobre o mundo social, trata-se apenas de uma autonomia relativa do campo de produção científica e os interesses específicos que com ela se engendram que “podem autorizar e favorecer a aparição de uma oferta de produtos científicos, ou seja, o mais frequentemente, críticos, que estão além de toda forma de demanda” (BOURDIEU, 1994, p. 33).

Pergunta então Chartier (2005, p. 258) “se o valor dos bens simbólicos é incomensurável com sua materialidade, será que é mesmo preciso negar toda importância a esta última no processo de consagração das obras? Por quanto tempo, o valor da pintura dependeu do preço dos materiais utilizados, antes de ser estabelecido a partir de critério de avaliação autônomos”. E prossegue “quanto essa mudança ocorreu? E será que ela pode ser totalmente relacionada aos decretos das instâncias de consagração, sem que a obra, em sua capacidade mais ou menos forte de deter o espectador, participe da construção do valor que lhe é atribuído?” (CHARTIER, 2005, p. 258). “O trabalho de fabricação material nada é sem o trabalho da produção do valor do objeto fabricado” (BOURDIEU. Les règles de l’art, p. 244 apud CHARTIER, 2005, p. 257). Exemplo disso encontra-se também no valor das produções linguísticas, que assim como para outras produções, depende do mercado no qual elas são propostas e das relações de força linguísticas. (CHARTIER, 2005, p. 257).

A trajetória é paradoxal, pois muitas vezes, a conquista de uma autonomia maior supôs a aceitação de uma dependência contra outra e desta forma podemos nos questionar sobre a distinção da sociologia de Bourdieu que o aproxima dos pensadores clássicos.

Eis a razão para a dificuldade em designar o espaço da escrita literária antes de sua autonomização. Será que é preciso considerá-lo como totalmente inscrito na esfera do poder e negar-lhe os traços constitutivos de um campo autônomo? Ou manter o surgimento de instâncias de consagração específicas (por exemplo, as academias) como uma forma provisória da estrutura que permite o nascimento do escritor? Ou, ainda, devemos compreender o processo de autonomização como produzido pela própria dependência e dentro dela (CHARTIER, 2005, p. 258).

Do mesmo modo que o conhecimento objetivista questiona as condições de possibilidade da experiência primeira (revelando que essa experiência se define fundamentalmente pela não colocação de tal questão), o conhecimento *praxiológico* proclama-se em ruptura com a polarização entre os conhecimentos objetivista e subjetivista, questionando as condições (teóricas e sociais) da possibilidade dessa questão, e mostra que o conhecimento objetivista se define fundamentalmente pela exclusão desta questão (BOURDIEU, 2013b).

Na verdade, sabe-se que as interações simbólicas no interior de um grupo qualquer dependem não somente, como bem o vê a psicologia social, da estrutura do grupo de interação no qual elas se realizam, mas também das estruturas sociais nas quais se encontram inseridos os agentes de interação (isto é, a estrutura das relações de classe) [...] o que tornaria visível, tanto na escala de uma formação social em seu conjunto quanto no interior de um grupo circunstancial, a dependência das relações de

força simbólica com respeito à estrutura das relações de força política. O modelo de concorrência pura e perfeita é irreal, tanto aqui quanto alhures, e o mercado de bens simbólicos tem também seus monopólios e suas estruturas de dominação (BOURDIEU, 2013b, p. 45).

“A teoria da ação como simples execução do modelo (no duplo sentido de norma e de construção científica) não é senão um exemplo da antropologia imaginária que engendra o objetivismo quando toma, como diz Marx, ‘as coisas da lógica pela lógica das coisas’” (BOURDIEU, 2013, p. 53). Isso faz do “sentido objetivo das práticas ou das obras o fim subjetivo da ação dos produtores dessas práticas ou dessas obras, com seu impossível *homo economicus* submetendo suas decisões ao cálculo racional, seus atores executando papéis ou agindo conforme modelos ou seus locutores escolhendo entre os fonemas” (BOURDIEU, 2013, p. 53). Assim o objetivismo metódico é necessário, mas exige sua própria superação.

Para escapar ao realismo da estrutura que *hipostasia* os sistemas de relações objetivas convertendo-os em totalidades já constituídas fora da história do indivíduo e da história do grupo, é necessário e suficiente ir do *opus operatum* ao *modus operandi*, da regularidade estatística ou da estrutura algébrica ao princípio da produção dessa ordem observada, e construir a teoria da prática ou mais exatamente, do modo de engendramento das práticas, condições da construção de uma ciência experimental da *dialética da interioridade e da exterioridade* (BOURDIEU, 2013, p. 53).

Para aplicar a teoria da dominação simbólica à própria ciência é necessário compreender que “o conhecimento exerce, por si mesmo, um efeito – que me parece libertador – todas as vezes em que os mecanismos de que ele estabelece as leis de funcionamento devem uma parte de sua eficácia ao desconhecimento, ou seja, todas as vezes em que ele toca nos fundamentos da violência simbólica” (BOURDIEU, 1983, p. 19-20). Essa forma particular de violência só pode de fato “exercer-se sobre sujeitos de conhecimento, mas cujos atos de conhecimento, uma vez que são parciais e mistificados, encerram o reconhecimento tácito da dominação implicada do desconhecimento dos fundamentos verdadeiros da dominação” (BOURDIEU, 1983, p. 19-20). “Quaisquer que sejam suas pretensões científicas, a objetivação está fadada a permanecer parcial, e por conseguinte falsa, enquanto ignorar ou recusar ver o ponto de vista a partir do qual é enunciada – o jogo em seu conjunto” (BOURDIEU, 1994, p. 22).

Neste esporte de combate, o sociólogo é agente histórico que “historicamente situado, sujeito social socialmente determinado na História, ou seja, na sociedade na qual sobrevive, volta um momento sobre si mesma, reflete a si mesma; e, através dele, todos os agentes sociais podem saber um pouco melhor o que são, o que fazem” (BOURDIEU, 1994, p. 30). Desta forma,

o princípio da ação história não é um objeto que se confrontaria com a sociedade como objeto constituído pela exterioridade. Ele não reside nem na consciência, nem nas coisas, mas na relação entre dois estados do social, ou seja, entre a História objetivada nas coisas, na forma de instituições, e a História encarnada nos corpos, sob a forma desses sistemas de disposições duráveis que chamo de *habitus* (BOURDIEU, 1994, p. 41).

Diante de tantas reflexões que a sociologia de Bourdieu apresenta e principalmente diante da possibilidade de se problematizar a sua própria construção a partir dela mesma é que este é considerado um autor indispensável ao ‘regime de leituras’ (CATANI, 2002) de todo pretendente ao campo científico.

3. Bourdieu e a sociologia da educação

Bourdieu atribui como habilidade do método transformar objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou “na capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, aprendendo-os de um ângulo imprevisto” (BOURDIEU, 1989, p. 20). O autor cita o estudo de *certificados* de invalidez, de aptidão, de doença como exemplo deste movimento de construção do objeto pelo que há de supostamente menor nele. Dentre tantos detalhes na construção do objeto da sociologia da educação estariam também os certificados e diplomas de escolaridade.

Por em prática o exercício da sociologia da educação é, em última instância, se propor a conhecer as condições da ciência que a constitui. Desta forma, eleger como objeto de estudo qualquer dos sistemas de ensino brasileiro, considerando as modalidades que eles contemplam – básico ou superior, profissionalizante ou educação à distância (EAD) – é necessariamente investigar as condições da ciência que a constitui.

Assim, a educação poderia se sustentar como objeto da sociologia em geral e da sociologia de Bourdieu em especial, o que demanda uma sociologia da educação, porque é esta uma ciência que tem por objeto aquilo que a torna possível. Bourdieu cita para esta definição dois outros exemplos abrangentes: língua e cultura. “Sobre as condições lógicas da decifração: a língua é condição de inteligibilidade da palavra como mediação que assegurando a identidade das associações de sons e de conceitos operados pelos locutores, garante a compreensão mútua. Isto significa que, na ordem lógica da inteligibilidade, a palavra é o produto da língua” (BOURDIEU, 2013, p. 44). Talvez possamos dizer que a ciência de uma maneira geral e a sociologia em particular, sejam produtos da educação e vice-versa.

Mais do que os conceitos bourdieusianos o que definiria uma análise bourdieusiana da educação seria o tipo de pergunta e o tipo de problema formulado. A questão não consiste em saber se estou aplicando os conceitos corretos e corretamente, mas se estou fazendo o tipo correto de pergunta. Na perspectiva da análise sociológica da educação deveria, sobretudo, estar preocupada em romper com as categorias do senso comum de compreensão do mundo social, em se contrapor a tendência a naturalização, ao fatalismo, às explicações individualizantes características do senso comum [...] significa tornar visível o invisível (SILVA, 1996, p. 234).

Os sociólogos falam de estrutura com o mesmo sentido de estrutura social, “no entanto, é preciso indagarmos em que medida as partes constitutivas de uma sociedade estratificada, classes ou grupos de status, formam uma estrutura, isto é, atendo-nos a uma definição mínima, se e em que medida tais partes mantêm entre si outras relações além da mera justaposição e, por conseguinte, manifestam propriedades que resultam de sua dependência relativa à totalidade”

(BOURDIEU, 2015, p. 3). Tal problemática cabe às questões educacionais não como teoria pedagógica mas como sociologia da educação.

Para Bourdieu, a sociologia da educação configura seu objeto particular quando se constitui como ciência das relações entre a reprodução cultural e a reprodução social, isto é, “no momento em que se esforça por estabelecer a contribuição que o sistema de ensino oferece com vistas à reprodução da estrutura das relações de força e as relações simbólicas entre as classes, contribuindo assim para a reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes” (BOURDIEU, 2015, p. 295).

O professor quer ele queira ou não, quer saiba ou não, e principalmente quando pensa que está rompendo com as regras estabelecidas, continua um mandatário, um delegado que não pode redefinir sua tarefa sem entrar em contradições, nem colocar seus receptores em contradições, a não ser quando se transformarem as leis do mercado em relação às quais ele define, negativa ou positivamente, as leis relativamente autônomas do pequeno mercado que instaura em sua classe. Por exemplo, um professor que recusa atribuir nota ou corrigir a linguagem de seus alunos tem o direito de fazê-lo, mas pode, ao fazer isto, comprometer as chances de seus alunos no mercado matrimonial ou no mercado econômico, onde as leis do mercado linguístico dominante continuam a se impor. O que nem por isto deve levar a uma demissão” (BOURDIEU, 1983, p. 83).

O que nosso autor pode concluir para o caso da sociologia da educação, é que “uma ciência que tem como objeto aquilo que a torna possível, como a língua e a cultura, não pode constituir-se sem formar suas condições de possibilidade” (BOURDIEU, 2013, p. 44). Por outro lado, Bourdieu considera que “a fragmentação das disciplinas sociológicas e a especialização excessiva dos pesquisadores prejudicam a cumulatividade da sociologia; elas criam fronteiras arbitrárias que resultam numa compartimentalização disciplinar improdutiva” (BONNAWITZ, 2003, p. 18).

Estudar o sistema de ensino francês assim como estudar os sistemas de ensino brasileiro, na perspectiva da praxiologia sugere a construção deste objeto no espaço social ocupado pelas instituições que o próprio sistema cria, o *habitus* que as define, o capital que confere distinção a seus agentes e, sobretudo, no modo relacional com outras instituições e campos, nas suas historicidades e de forma integrada em suas antinomias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que este texto apresenta não é capaz de conduzir novos curiosos e velhos companheiros de viagem de Pierre Bourdieu por um caminho totalmente pavimentado e livre dos entulhos de construção. Este percurso prometeu, menos ainda, fazer o leitor chegar a um campo limpo e iluminado onde é possível experimentar a essência deste autor e sua ciência. No máximo, apresenta-se neste artigo um esboço do exercício de aplicar o método de Bourdieu à sua própria ciência e arriscar apreendê-la como estrutura estruturante presente nas relações entre os campos científico e educacional e na construção de uma sociologia da educação.

Martins (1987) discorre sobre a teoria da prática de Bourdieu e a chama de tema, ao mesmo tempo que a anuncia também como esquema explicativo. Contudo, o esquema explicativo diz mais da ciência de determinado autor que os diversos temas sobre os quais recaem suas análises. Interessa aos percursos epistemológicos daqueles a quem definimos como um clássico construir no *modus operandi* o campo do conhecimento, pelo seu método.

No caso da sociologia da educação, estudar o sistema de ensino francês assim como estudar os sistemas de ensino brasileiro, na perspectiva da praxiologia sugere a construção deste objeto no espaço social ocupado pelas instituições que o próprio sistema cria, o *habitus* que as define, o capital que confere distinção a seus agentes e, sobretudo, no modo relacional com outras instituições e campos, nas suas historicidades, de forma integrada em suas antinomias.

Assim como Bourdieu aplicou seu método à língua, à arte ou à religião, limitou-se aqui a fazê-lo em dois vieses que relaciona ciência e educação: à sua própria sociologia (suas influências clássicas e fundamentos de sua própria sociologia) e à sociologia da educação. Ambas reflexões mereciam análises mais profundas e amadurecidas, mas como o próprio Bourdieu sugeriu que é preciso tomar a palavra, mesmo que de susto e apresentar, ainda que de forma inacabada nossas problematizações, mesmo sem recortes mais precisos e profundos. O exercício foi mesmo o de nos expor, seguindo o conselho do mestre Bourdieu. Expor-nos a espera da crítica e, conseqüente, da complementação da reflexão, por isso a registramos e a lançamos como ponto de partida que será necessário e motivador de novos percursos conduzidos pela ciência de Bourdieu.

REFERÊNCIAS

BONNEWITZ, Patrice. Como se tornar um “grande sociólogo? Assumindo o passado. In: _____. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. 1. Trabalhos e projetos. In.: ORTIZ, Renato (org.) **A sociologia de Pierre Boudieu**. São Paulo: Olho d’água, 2013a.

BOURDIEU, Pierre. 2. Esboço de uma teoria da prática. In.: ORTIZ, Renato (org.) **A sociologia de Pierre Boudieu**. São Paulo: Olho d’água, 2013b.

BOURDIEU, Pierre. Capítulo II - Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O poder simbólico**. Memória e sociedade. Rio de Janeiro: 1989.

BOURDIEU, Pierre. Espíritos de estado - Gênese e estrutura do campo burocrático. In: _____. **Razões práticas**. Campinas, SP: Papirus, 1996. pp. 91-124.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Maro Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1994.

BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

CATANI, Afrânio Mendes. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leitura). **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 78, abril/2002.

CHARTIER, Roger. O mundo econômico ao contrário. In.: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (coord.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MARTINS, Carlos Benedito. Estrutura e ator: a teoria da prática em Bourdieu. In: **Educação e sociedade**, n. 27 (33 - 46), set. 1987.

MICELI, Sérgio. Introdução: A força do sentido. In.: BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PESSOA, Jadir de Moraes; OLIVEIRA, João Ferreira. O método em Bourdieu. In.: _____ (orgs.) **Pesquisar com Bourdieu**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. São Paulo: Vozes, 1996.

[1] Cf. Pierre Bourdieu – A Sociologia é um esporte de combate, documentário de 2002, dirigido por Pierre Charles, 2h 20m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TlbAd2hwQms>.